

Resenha do livro *Existe Inteligência Libidinal?* de Roseli Gimenes

Oscar Ángel Cesarotto

Che vuoi? A pergunta lacaniana por antonomásia é um reto indeclinável, cuja resposta só pode ser uma aposta, precipitada pela urgência do desejo. Um desafio, então, é o tipo de convite que redobra o risco.

Com sagacidade, Roseli Gimenes pegou um sintagma no ar & o transformou numa investigação prospectiva. *Seria se fosse*, no dizer de hoje; mas, daqui a pouco, *teria sido...*, dir-se-á quando o devir da tecnocracia consiga substituir as ontologias. A vida atual, informatizada, acelerou os correios sentimentais & as agências matrimoniais, na procura pelo “par perfeito” que norteia os corações solitários, ou via *Tinder*, agitando carnes trêmulas: virtuais intercursos mediáticos, meios para fins, vale tudo enquanto houver... tesão.

Significante chulo, calão? Por extensão, tensão, entusiasmo, disposição. Antes, condição do que fica rijo, duro, claramente fálico. Encontra-se, na literalidade da língua, a clássica referência freudiana da libido ser apenas uma, sob a forma masculina. Ele, entretanto, disse mais, no livro Thomas Woodrow *Wilson: Um estudo psicológico*, colaboração com William C. Bullitt, publicado nos anos sessenta, ainda que escrito no começo dos anos trinta. Naquela ocasião, depois de ter utilizado analogias hidráulicas ou mecânicas na teoria, Freud já estava eletrificado. Define, pois, a libido como “a energia de Eros”, imediatamente assimilada à corrente elétrica, se comportando do mesmo jeito: fluindo & circulando, carregando ou descarregando acumuladores, seus primeiros objetos edípicos, até entrar em curto-circuito pelo complexo de castração.

Décadas tinham se passado desde Edison & Tesla; agora que a luz artificial iluminava o mundo, o progresso & o dia a dia dependeriam para sempre da força dos dínamos. Wilhelm Reich levou a metáfora elétrica à sério, propondo o *orgón* como unidade de medida da potência orgástica, visando a sua culminação exponencial no ato sexual.

Depois, durante muito tempo, os destinos da libido não foram explorados pela psicanálise, nem teórica nem materialmente.

Ao longo do século XX, Lacan acompanhou os avanços de todas as tecnologias eletroeletrônicas. Contudo, costumava utilizar ideias originais: do seminário XI, destaca-se a *lamelle*, “o órgão da libido”, ficção teórica, quase surrealista, articulada para dar conta da força pulsional & suas derivas nas diversas fases. No seminário XVII, o neologismo foi *lathouses*, “as esferas da ciência”, que podem ser exemplificadas pelas ondas eletromagnéticas que cobrem zonas da Terra, conectando as aparelhagens que estendem os limites humanos.

É característica vital de Eros a criação de relações cada vez mais amplas, abrangentes & complexas, ou seja, redes. Nesse termo convergem tanto a metapsicologia freudiana quanto a tecnologia segundo Heidegger; em todos os casos, expansão, disseminação, interligação. A inteligência libidinal (IL) liga neurônios, pulsões, pessoas, interesses & querereres, assim como a eletricidade circula pelos corpos & pelas máquinas, cada vez mais familiares, erógenas & exógenas. A inteligência artificial (IA) contribui para isso & muito mais.

Ficções, por ora? Num futuro anterior, filmes já vaticinavam agenciamentos entre seres falantes & as mais diversas cibernéticas. Programação preditiva? Analisados hoje pelo prisma da semiótica psicanalítica, não apenas antecipam projeções & conflitos como também deixam entrever a persistência de ideais românticos, apesar das mediações & das abstrações do século XXI. O presente trabalho tem o mérito de entrelaçar perspectivas que vão do cognitivo ao amoroso, do emocional ao digital, do humano ao artificial & vice-versa. Destarte, Roseli Gimenes honra a parada, abrindo uma instigante linha de pesquisa.